

Vaqueiros gentis criam bois mais sustentáveis

Categories : [Reportagens](#)

Dos milhares de hectares de florestas postos abaixo na Amazônia brasileira, 75% viraram pasto, em especial no Mato Grosso, estado campeão em produção de carne e também em desmatamento acumulado. Apesar do estigma, há fazendas mato-grossenses buscando melhorar suas práticas, com as Fazendas São Marcelo, que conseguiram o selo da ONG Rainforest Alliance de pecuária sustentável, o que significa muita floresta, animais silvestres protegidos e caubóis gentis.

A preocupação com a expansão das pastagens sobre florestas tropicais motivou a organização a lançar padrões de certificação para fazendas de gado na América do Sul. A organização tem mais de 17 mil membros pelo mundo e lidera a Rede de Agricultura Sustentável, um conjunto de ONGs de países latino-americanos dedicadas a projetos de redução de impacto da agropecuária.

Sabrina Vigillante, diretora de iniciativas estratégicas da [Rainforest Alliance](#), diz que o objetivo é estimular um modelo de produção de carne economicamente viável e compatível com a conservação da biodiversidade local. A aposta é que as fazendas certificadas inspirem o avanço do setor nesta direção.

O desafio para diminuir a pegada da pecuária, porém, não é lá tarefa simples no Brasil, país que tem o segundo maior rebanho bovino do mundo, atrás só da Índia, onde boi não vai para a panela por motivos religiosos.

O topo do ranking tem seus custos. Segundo o [relatório "A farra do boi na Amazônia", do Greenpeace](#), a cada 18 segundos, no Brasil, em média um hectare de Floresta Amazônica é desmatado e convertido em pasto. A ONU diz que a pecuária mundial gera 20% da emissão dos gases de efeito estufa no mundo. No Brasil, essa taxa sobe para mais de 60%. Além disso, o gado produz metano, um mal inevitável, já que o gás é produto do processo digestivo dos animais ruminantes. Outro ônus é o consumo de água. Para cada 1 kg de carne são necessários 15 mil litros, quantidade cinco vezes maior do que na produção de cereais, de acordo com a [FAO \(Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura\)](#).

Apesar dos conhecidos impactos, segundo projeções de janeiro deste ano feitas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o aumento do poder aquisitivo dos consumidores brasileiros irá gerar um crescimento de 42,8% na quantidade demandada de carne nos próximos 10 anos.

Para atender essa demanda, as [Fazendas São Marcelo](#) saíram na frente. Com unidades em Tangará da Serra e Juruena (Mato Grosso), em 2012, elas foram as primeiras do mundo a

conquistar o selo da Rainforest Alliance de pecuária sustentável. Isso significa que oferecem um bife desvinculado do desmatamento ilegal na Amazônia, dos maus tratos de animais e do trabalho informal. Para o Grupo JD, que administra as fazendas, é possível transformar em bons negócios o reconhecimento internacional pela proteção das florestas brasileiras.

"A certificação já fez a diferença para um contrato de venda de 100% da produção das fazendas para o Frigorífico Marfrig, num período em que a disputa pelo mercado estava acirrada", diz Arnaldo Eijsink, engenheiro agrônomo e diretor-geral da São Marcelo.

Mata ocupa o maior espaço